

CCB

VENEZIA **CONCERTO DE' CAVALIERI**

22 NOV 24



**CENTRO DE ARTES
PERFORMATIVAS E
PENSAMENTO**

ANTONIO VIVALDI (1678–1741)

Concerto para dois violinos, violoncelo e baixo contínuo, RV 106
Allegro – Largo – Allegro

TOMASO ALBINONI (1671–1750)

Balletto a tre em Dó Maior, op. 3 n.º 1
Preludio – Allemanda – Gavotta – Corrente

ANTONIO VIVALDI

Concerto para flauta de bisel, violino e violoncelo, RV 103
Allegro ma cantabile – Largo – Allegro non molto

ANTONIO VIVALDI

*Concerto de câmara em Ré menor para violino,
flauta de bisel, violoncelo e baixo contínuo, RV 96*
Allegro – Largo – Allegro

ALESSANDRO MARCELLO (1673–1747)

Sonata n.º 8 em Mi menor para violino e baixo contínuo
Adagio – Spiritoso – Allegro assai

ANTONIO CALDARA (1670–1736)

Trio Sonata em Si menor, op. 2 n.º 10
Allemanda – Corrente – Gavotta – Giga

DIOGENIO BIGAGLIA (1678–1745)

Sonata para Flauta de bisel em Mi menor, op. 1 n.º 5
Cantabile – Allegro – Andante – Presto

ANTONIO VIVALDI

*Concerto de câmara em Sol menor para flauta de bisel,
2 violinos, violoncelo e baixo contínuo, RV 107*
Allegro – Largo – Allegro

Concerto de' Cavalieri

Direção artística **Marcello Di Lisa**

Violino solo e concertino **Federico Guglielmo**

Violino II **Alessia Pazzaglia**

Violoncelo **Marco Frezzato**

Flauta de bisel **Carolina Pace**

Cravo **Elisabetta Ferri**

VENEZIA

Apesar da decadência económica da República Veneziana a partir de finais do século XVI, motivada pela ruína do seu império comercial, a cidade manteve, durante todo o período barroco, uma intensa actividade artística e cultural, usada para recriar e formar os seus cidadãos, como propaganda política junto dos outros estados europeus, e como entretenimento dos seus já então muitos visitantes. Paragem obrigatória de todos os que empreendiam a obrigatória *Grand Tour* por Itália, a Veneza setecentista era um dos centros da *avant-garde* musical, sobretudo no campo da ópera, mas também da música instrumental.

Ainda que hoje Vivaldi dispense apresentações, nem sempre foi assim. Foi apenas com a descoberta de uma vasta colecção de manuscritos, muitos deles autógrafos, num mosteiro do Piemonte, e adquirida pela Universidade de Turim, que o século XX despertou para o vastíssimo legado do compositor. É a Vivaldi que se deve o aperfeiçoamento e a ampla utilização da «forma ritornelo» tão típica do concerto barroco, e apenas usada, de forma algo embrionária e muito pouco sistemática, pelos seus contemporâneos, como Albinoni ou os irmãos Marcello. No norte da Europa tornou-se indissociável do moderno estilo italiano, sendo aplicada também a obras de música de câmara, nomeadamente no género da «sonata concertante». Mas já o próprio Vivaldi havia pressagiado esta utilização nos seus «concertos de câmara». São obras compostas para um pequeno grupo de instrumentos, favorecendo sobretudo os instrumentos de sopro — flautas de bisel e traversa, oboé e fagote — todos eles de recente invenção ou aperfeiçoamento na corte francesa, e que em Itália eram novidades muito *à la mode*. Infelizmente, nenhuma das obras hoje interpretadas será apresentada com a instrumentação originalmente prescrita pelo compositor, optando-se por alternativas, ainda que algumas sejam sugeridas nos manuscritos.

Em todos estes concertos, os primeiros andamentos são construídos na já mencionada «forma ritornelo», mas com uma flexibilidade criativa admirável, muito superior à encontrada na maioria dos concertos com orquestra do compositor, talvez porque estas obras mais íntimas se destinavam a intérpretes e ouvintes mais atentos e instruídos. Em três das obras o último andamento é também em estilo concertante, e com um marcado carácter animado e dançante, proporcionado pelo tempo ternário rápido em 3/8 — sendo excepção o RV 103, mais sério, incluindo um expressivo motivo cromático. Todos os andamentos lentos centrais possuem a forma binária típica das danças barrocas: no RV 107 o carácter é inequivocamente o de uma bucólica Siciliana, e no RV 96 o de uma Sarabanda vagamente francesa. Mas no RV 106 é uma lírica cantilena de sabor operático, e no RV 103 explora-se a imitação polifónica entre as vozes.

Tal como Vivaldi, também Albinoni é hoje conhecido sobretudo pela sua vasta produção instrumental, mas no seu tempo foram as suas 81 óperas que lhe granjearam a fama. Originário de uma família burguesa abastada, Albinoni parece nunca ter sentido a necessidade de procurar um posto fixo ao serviço de uma instituição religiosa ou corte. Mas as suas publicações foram dedicadas à mais alta nobreza italiana e europeia. Uma das suas colecções mais afamadas foram as 12 suites de danças (ou *Balletti*) para dois violinos e contínuo, publicadas em 1701 em Veneza, dedicadas a Fernando de Médici, grão-duque da Toscana, e que viriam a conhecer reimpressões em Amesterdão e Londres. São obras ligeiras e breves, em três ou quatro andamentos. As maiores, como o primeiro *Balletto*, iniciam-se por um prelúdio lento, seguindo-se três danças rápidas, de tradição e carácter italianos, e muito pouco que ver com as danças francesas contemporâneas. A sua simplicidade e clareza compositiva tornavam-nas aptas a serem dançadas em bailes cortesãos, o que poderá justificar a sua grande popularidade.

Alessandro Marcello, e o seu irmão mais novo, Benedetto, igualmente compositor dileitante, eram filhos de um senador da República. Puderam assim usufruir a vida confortável e despreocupada dos patrícios venezianos, cultivando a música como um passatempo, e não como ofício. O que não impediu que ambos a tenham praticado com competência idêntica à de muitos profissionais. Alessandro, desde cedo notado pela sua grande erudição e verve poética, era membro da prestigiada *Accademia della Arcadia*, em Roma. A sonata hoje escutada foi publicada em Augsburg, na Baviera, como parte de uma colecção de 12 «Suonate a violino solo». São obras num estilo bastante moderno para a época, evidente logo pela escolha de apenas três andamentos, que anuncia o estilo Galante. As texturas são muito transparentes, e com limitado uso do contraponto, aqui apenas empregue no segundo andamento. Tanto o primeiro como o último andamentos são na forma bipartida das danças, e remissivos de uma *Sarabande* francesa e de um *Passepied*, mas o uso de alguns acordes idiomáticos na parte do violino, bem como certos contornos melódicos, paragens súbitas, harmonias expressivas e efeitos de eco concedem-lhes um carácter caprichosamente italiano.

Antonio Caldara nasceu em Veneza, onde iniciou a sua formação como coralista da famosa Basílica de S. Marcos. A sua carreira levou-o a Mântua, Barcelona e Roma, antes de se fixar em Viena onde, em 1716, foi escolhido para Vize-Kapellmeister da corte imperial, e residiu até à morte. Compôs mais de 70 óperas e de 30 oratórios, bem como serenatas e cantatas, várias sobre libretos de Metastasio, e abundante música sacra. Publicou apenas duas colecções de peças instrumentais, tendo editado as «Suonate da Camera» op.2 em Veneza, em 1699. Tal como os *Balletti* de Albinoni, tratam-se de suites de danças, todas com quatro andamentos.

Algumas iniciam-se com um prelúdio, mas a sonata décima abre directamente por uma *Allemanda* lenta. Contrariamente à colecção posterior de Albinoni, as danças de Caldara são mais elaboradas, com texturas mais complexas, maior participação de todas as vozes no discurso musical, recurso à imitação, e harmonias mais intensas. O seu evidente modelo foram as *12 Sonatas* op. 2, publicadas por A. Corelli em 1685, e que, entretanto, se haviam tornado no paradigma deste estilo.

Bigaglia é um compositor mais obscuro. Desconhece-se a sua data de nascimento, mas era originário da ilha de Murano. Monge beneditino, professou no mosteiro de San Giorgio Maggiore de Veneza, onde foi prior. Compôs um largo número de obras vocais, quer sacras quer profanas, mas quase todas se perderam. Subsistem, no entanto, algumas colecções de cantatas em Paris e Viena, as quais, juntamente com a menção feita por J. G. Walther no seu *Musicalisches Lexicon* (Leipzig, 1732) testemunham um certo reconhecimento internacional. A colecção de *XII Sonate a Violino Solo o Sia Flauto e Violoncello o Basso Continuo* foi publicada ao redor de 1722 em Amesterdão. São obras paradigmáticas do estilo veneziano de inícios de setecentos, numa escrita algo convencional, sobretudo destinada ao consumo por amadores. Parcimoniosas nas suas exigências técnicas, proporcionam, no entanto, na sua aparente simplicidade, várias oportunidades para a criatividade interpretativa, nomeadamente através da ornamentação.

Fernando Miguel Jalôto

(o autor escreve segundo o antigo Acordo Ortográfico)

Concerto de' Cavalieri

Considerado «um dos grupos mais vibrantes e entusiasmantes de Itália dedicado à interpretação com instrumentos de época» (*Fanfare Magazine*), «sensível historicamente e elegante artisticamente» (*Gramophone*), o Concerto de' Cavalieri atua sob a direção de Marcello Di Lisa em algumas das grandes salas internacionais, como Concertgebouw Amsterdam, Musikverein em Viena, Auditório Nacional de Madrid, Elbphilharmonie em Hamburgo, Staatsoper Berlin, Philharmonie Essen, Kölner Philharmonie, Herkulesaal München, De Bijloke, De Singel, Arsenal de Metz, Theatre an der Wien, Rheingau Musik Festival, Musikfest Bremen, Schwetzingen SWR Festspiele, Festival d'Ambronay, Festival Grafenegg, Festival de Radio France, entre outras. Além disso, durante a última década, tem desenvolvido uma colaboração com o Centro Cultural de Belém, realizando tanto recitais de ópera como programas instrumentais.

A atividade da orquestra é reforçada pela colaboração com solistas de renome internacional como Daniela Barcellona, Mari Eriksmoen, Vivica Genaux, Ann Hallenberg, Samuel Mariño, Sara Mingardo, Valer Sabadus, Carolyn Sampson, Andreas Scholl ou Maurice Steger.

Apaixonadamente dedicado à redescoberta de obras esquecidas do barroco italiano, o Concerto de' Cavalieri estreou também muitas óperas e serenatas, incluindo *Erminia* de Scarlatti, *La Jole* de Porpora e a rara versão romana de 1720 de *Tito Manlio* de Vivaldi, todas gravadas e transmitidas ao vivo.

O Concerto de' Cavalieri grava intensamente para a editora Sony.

Em particular, esteve envolvido no *The Baroque Project*, um projeto plurianual com a Sony Classical sobre a Ópera Italiana no século XVIII, com o objetivo de redescobrir obras-primas operáticas raras do Barroco Italiano. Os primeiros quatro CD foram dedicados respetivamente a árias de ópera e *ouvertures* de Alessandro Scarlatti, Pergolesi, Vivaldi e Albinoni, com muitas estreias mundiais. Todos eles receberam elogios da crítica, incluindo várias nomeações para os International Classical Music Awards. O último álbum desta série apresenta *ouvertures* de ópera e concertos de Alessandro Scarlatti em sete partes, incluindo muitas gravações em estreia mundial. No domínio da investigação musicológica, a orquestra está envolvida na interpretação do repertório musical romano do final do século XVII e do século XVIII, com especial atenção às obras inéditas de Alessandro Scarlatti.

Marcello Di Lisa

O cravista Marcello Di Lisa é o fundador e diretor artístico do *ensemble* Concerto de' Cavalieri que, sob a sua direção, rapidamente se tornou reconhecido como uma das principais orquestras italianas de instrumentos de época. Concluiu o doutoramento em Filologia e Literatura Grega e Latina na Universidade de Pisa e colaborou com importantes revistas no campo da filosofia antiga, estudando simultaneamente piano, cravo e composição. Apresenta-se em alguns dos mais importantes eventos e festivais internacionais, e também já planeou e realizou inúmeras gravações para a Sony e Cpo, com aclamação da crítica, recebendo várias nomeações para os International Classical Music Awards.

No campo da investigação musicológica, dedica-se ao estudo do património musical romano do final do século XVII e início do século XVIII, com particular atenção para as obras de Alessandro Scarlatti. Dedicado à redescoberta de obras esquecidas do barroco italiano, estreou várias óperas e serenatas, incluindo *Erminia*, de Alessandro Scarlatti, *La Iole*, de Nicola Porpora, e *Tito Manlio* (1720) de Vivaldi, que foram gravadas e transmitidas ao vivo pelas grandes estações de rádio. Destaques recentes do seu percurso incluem uma nova edição e apresentação da ópera *Telemaco*, de Alessandro Scarlatti, no Concertgebouw (Amesterdão).

PRÓXIMO CONCERTO

13 DEZ

CICLO SEXTA MAIOR – ORQUESTRA

BRAHMS E SCHUBERT

ORQUESTRA DE CÂMARA PORTUGUESA E EMILIO POMÀRICO

A Orquestra de Câmara Portuguesa, sob a direção do maestro Emilio Pomàrico, apresenta um concerto com obras-primas de Brahms e Schubert. A *Serenata em Lá maior*, op.16 de Johannes Brahms, conhecida pela sua leveza e melodia cativante, abrirá a noite. Em seguida, a *Sinfonia n.º 5 em Si bemol maior*, D.485 de Franz Schubert, caracterizada pela sua graça e jovialidade, completa o programa. Este concerto destaca a riqueza e a beleza da música clássica do século XIX.

Sexta, 20h00

Pequeno Auditório

M/6

Coprodução Centro Cultural de Belém,
Orquestra de Câmara Portuguesa

Emilio Pomàrico © Volve



APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



APOIO MEDIA

